



Um relatório que analisa a situação da liberdade religiosa no mundo

O *Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo* analisa o cumprimento deste direito humano fundamental da «**Declaração Universal dos Direitos Humanos**» em todos os países. Com este estudo, publicado de dois em dois anos, a **Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS)** tem por objetivo sensibilizar e defender a liberdade religiosa para todas as confissões.

A Fundação AIS apoia a Igreja Católica no seu trabalho de evangelização nas comunidades mais carenciadas, discriminadas e perseguidas do mundo. Todos os anos, a AIS financia cerca de 5.000 projectos de emergência pastoral e humanitária em 140 países.

<https://www.youtube.com/watch?v=kA-LSH53PKc&t=15s>

Enquanto assiste a este vídeo, quase duas em cada três pessoas no mundo vivem em países onde praticar a sua fé pode custar-lhes... tudo.

As conclusões do Relatório sobre a Liberdade Religiosa 2025 da Fundação AIS mostram que este direito fundamental está sob uma ameaça maior do que nunca.

Imagine que dois terços da população mundial, vivendo atualmente em 62 países, estão expostos a discriminação ou perseguição religiosa. Isto representa cerca de 5,4 mil milhões de pessoas – mães, pais e filhos, cuja liberdade, segurança e até vidas estão em risco.

Destas, mais de 4,1 mil milhões de pessoas, em 24 países, enfrentam as violações mais graves da liberdade religiosa; classificadas como perseguição, estas situações incluem agressões, rapto, prisão e até morte.

Controlo autoritário. Governos que veem os grupos religiosos autónomos como uma ameaça ao seu poder. Na Coreia do Norte, possuir uma Bíblia pode resultar em prisão perpétua ou execução. Na China, o programa SkyNet, que controla cerca de 700 milhões de câmaras de vigilância, monitoriza todos os grupos religiosos.

Extremismo religioso. Os grupos jihadistas não se limitam a atacar outras religiões – eliminam todos os que não partilham a sua interpretação exata da fé. No Cinturão Central da Nigéria, aldeias inteiras são obrigadas a fugir enquanto grupos armados queimam igrejas e escolas.

Nacionalismo etno-religioso. Em vários países, a religião é cada vez mais utilizada para definir a identidade nacional. Esta tendência tornou-se num motor de discriminação e marginalização de minorias. Na Índia, desde 2014, políticas nacionalistas hindus têm enfraquecido as liberdades religiosas consagradas na Constituição, visando comunidades muçulmanas e cristãs com leis anti-conversão, restrições ao financiamento estrangeiro e violência social.

A fragilidade da liberdade religiosa revela-se com maior clareza em zonas de conflito. A guerra não mata apenas pessoas — destrói também os espaços onde as pessoas procuram consolo, esperança e Deus.

As violações mais dilacerantes da liberdade religiosa afetam os que já são vulneráveis à partida; especialmente as jovens mulheres pertencentes a minorias religiosas, que enfrentam uma ameaça a dobrar.

No Paquistão, raparigas cristãs e hindus com apenas 10 anos são raptadas, forçadas a converter-se ao Islão e casadas com os seus raptos. As famílias cristãs, por vezes conhecendo os autores dos raptos, não têm recursos legais por serem minorias. Quando procuram ajuda policial, as autoridades locais muitas vezes ignoram os pedidos por receio de incitar a violência popular.

Inúmeras raparigas cristãs no Egipto foram vítimas de rapto motivado por motivos religiosos, violação, casamento forçado e conversão.

A era digital criou novos campos de batalha para a fé. Governos autoritários utilizam inteligência artificial para monitorizar conteúdos religiosos online. Cada oração partilhada, cada pergunta espiritual feita, cada discussão religiosa torna-se potencial prova de perseguição. Só no Paquistão, há mais de 400.000 denúncias contra pessoas pelo conteúdo religioso que publicam.

Para além da perseguição aberta, mais 1,3 mil milhões de pessoas em 38 países sofrem discriminação frequente e não documentada. São países onde talvez não se mate por causa da fé, mas onde se negam empregos, se impedem construções de locais de culto ou se proíbe a transmissão da fé aos próprios filhos.

Apesar de todas estas dificuldades, a esperança resiste. Mesmo nos locais mais sombrios, pessoas de fé continuam a acender velas.

No Burquina Fasso, onde ataques jihadistas aterrorizam comunidades diariamente, grupos religiosos organizam “jogos de futebol pela paz”, recusando deixar que o extremismo os divida.

Em Cabo Delgado, Moçambique, devastado pela guerra, as igrejas tornaram-se num refúgio vital para famílias deslocadas de todas as tradições religiosas, oferecendo não só apoio espiritual, mas também comida, abrigo e segurança.

A liberdade religiosa não se resume à religião. Trata-se do direito humano fundamental de pensar, de acreditar, de procurar a verdade sem medo.

A liberdade religiosa não pode ser defendida apenas pelas comunidades de fé. Requer todos nós – governos, instituições, educadores, indivíduos como tu e eu. Quando ignoramos a perseguição religiosa, abandonamos a nossa humanidade comum.

Temos de erguer a voz, exigir proteção e lembrar que, se a liberdade religiosa é negada a um, mais cedo ou mais tarde, será negada a todos.

É tempo de agir, porque a liberdade religiosa é um direito humano, não um privilégio.

www.fundacao-ais.pt/relatorio

@fundacaoais